



# 04

## **O agora que demora (Le présent qui déborde). Nossa Odisseia II, de Christiane Jatahy**

**Marine Deregnoncourt**  
**Université du Luxembourg**  
[EMAIL](#) | [ORCID](#)

**Recebido em: 17 março 2022**  
**Aprovado em: 20 março 2024**

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431782012024e0054>  
eLocation-id: e0054

 Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*

## RESUMO

Este artigo, consagrado às artes do espetáculo, é dedicado ao O agora que demora (Le présent qui déborde). Nossa Odisseia II, o novo espetáculo multimídia e multiforme da artistacarioca Christiane Jatahy. Tal criação corresponde ao segundo volume de um díptico inspirado na Odisseia homérica. Ele se segue de Ítaca. Nossa Odisseia I. O que esta diretorapretende mostrar com sua mais recente criação e como ela faz isso? Eis a problemática que pretendemos responder. Para tanto, nosso estudo será dividido em três partes. A primeira pretende analisar o referido espetáculo, estrato por estrato, desde sua gênese até a sua realização cênica. A segunda parte, abordará a singularidade da encenação dos atores, desenvolvida por Christiane Jatahy junto ao elenco com o qual trabalha. No que concerne à terceira parte, iremos analisar o papel do espectador, matriz da pesquisa dramaturgica destacriadora brasileira. Ao longo de nosso artigo, mostramos em que medida o mito homérico vemquestionar a vida, tanto a vida íntima de Christiane Jatahy quanto a vida contemporânea em geral, ou melhor, nosso presente e suas problemáticas sociais. O teatro aparece, assim, como um ato de resistência face à opressão política.

**Palavras-chave:** viagem; exílio; política; intersemiótica.

## ABSTRACT

This article, devoted to the performing arts, is dedicated to The Lingerin Now (O agora que demora). Our Odyssey II, the new multimedia and multiform play by Christiane Jatahy. This creation corresponds to the second volume of a diptych inspired by the Homeric Odyssey. It follows from Ithaca. Our Odyssey I. What does this director intend to show with her most recentcreation and how does she do it? This is the problem that we intend to answer in our paper. Therefore, our study will be divided into three parts. The first intends to analyze the referred spectacle, stratum by stratum, from its genesis to its scenic realization. The second part will address the singularity of the actors' staging, which Christiane Jatahy demands from the castwith whom she works. Regarding the third part, it will turn to the analysis of the role of the viewer, the matrix of the dramaturgical research of this Brazilian creator. Throughout the development of our article, we try to show to what extent the Homeric myth comes to questionlife, both the intimate life of Christiane Jatahy and the contemporary life in general. Theater appears as an act of resistance against the political oppression.

**Keywords:** travel; exile; politics; intersemioticity.

## RÉSUMÉ

Cet article, consacré aux arts du spectacle, est dédié à *Le présent qui déborde* (O agora quem demora). Notre *Odyssée II*, le nouveau spectacle multimédia et multiforme de l'artiste carioca Christiane Jatahy. Cette création est le second volet d'un diptyque inspiré par *L'Odyssée* homérique. Il suit Ithaque. Notre *Odyssée I*. Que veut démontrer cette mettrice en scène à travers cette création inédite et comment s'y prend-t-elle ? Telle est la problématique à laquelle cette réflexion entend répondre. Pour ce faire, notre étude sera divisée en trois parties. La première s'attachera à analyser le spectacle précité, strate par strate, de sa genèse à sa réalisation scénique. La deuxième partie, quant à elle, abordera le jeu d'acteurs singulier demandé par Christiane Jatahy aux comédiens avec lesquels elle travaille. En ce qui concernera la troisième partie, elle s'attardera sur la relation au spectateur, matrice de la recherche dramaturgique de cette créatrice brésilienne. Tout au long de notre développement, nous verrons à quel point le mythe homérique vient questionner la vie, tant intime de Christiane Jatahy, que la vie contemporaine en général, autrement dit, notre présent et les problématiques sociales. Le théâtre apparaît ainsi comme un acte de résistance face à l'oppression politique.

**Mots-clés** : voyage, exil, politique et intersémiotité.

## INTRODUÇÃO

A história da Odisseia está na memória de muita gente, no mundo inteiro. (...) Está na nossa memória. (...) tanto para reencontrar este texto, quanto para reencontrar a possibilidade de ter qualquer coisa entre nós. (...) Trata-se de falar sobre a Odisseia, mas também de ter um material e uma língua entre nós. (JATAHY in GOMEZ, 2019, 28 min 06–28 min 48)

O agora que demora (*Le présent qui déborde*). Nossa *Odisseia II*, o espetáculo multimídia e multiforme de Christiane Jatahy exibido, em novembro de 2019, no Cent-Quatre em Paris, foi apresentado no 73º Festival de Avignon na França, entre 5 e 12 de julho de 2019, no ginásio da escola Aubanel. Na ocasião de sua primeira ida a Avignon, Christiane Jatahy prossegue, então, sua adaptação da *Odisseia* de Homero, onde ela apresenta refugiados palestinos, gregos e libaneses, bem como índios kayapó da Amazônia, os quais têm suas identidades ameaçadas e os quais são considerados, na medida em que brasileiros, como refugiados em sua própria terra. Desta maneira, Christiane Jatahy interioriza a narrativa homérica e a faz ressoar no Brasil, em sua terra natal. Vale ressaltar que, em *Nossa Odisseia II*, Christiane Jatahy não retoma, no que se refere aos refugiados, as figuras de Ulisses e de Penélope pelo viés das discussões de gênero. Segundo Christiane Jatahy: "(...) Ulisses pode ser tanto as mulheres que buscam sua Ítaca quanto as que realizam tal travessia. Do mesmo modo, os homens podem ser Penélope, pois Penélope não é somente alguém que espera, ela também é alguém que luta nesta espera por obter sua terra, seu espaço." (JATAHY in ADLER, 2019, 43 min 48-44 min 28) A referida criação é a segunda parte de um diptico

inspirado na Odisseia homérica. Ela se segue de Ítaca. Nossa Odisseia I, criada em 2017 e apresentada no Odeon de Paris em março de 2018, teatro francês no qual Christiane Jatahy é artista associada. A segunda parte de sua adaptação se mostra como o espelho invertido da primeira parte. Em Ítaca. Nossa Odisseia I, Christiane Jatahy retrata ao público a angústia de Ulisses, por permanecer junto a Calipso, e a dolorosa espera de Penélope por seu amante. Como explica François Caudron, em Nossa Odisseia I: “o palco é inteiramente atravessado por uma imensa cortina opaca. Por um lado, uma parte do público assiste aodesespero de Ulisses, preso na ilha de Calipso ao retornar da guerra de Troia. Por outro lado, outros espectadores observam, no mesmo instante, a espera de Penélope em Ítaca.” (CAUDRON, 2018, RTBF) Diferentemente, em O agora que demora (Le présent qui déborde). Nossa Odisseia II, o clássico de Homero não é apenas revisitado, mas também reatualizado, pois com este novo espetáculo, Christiane Jatahy retrata, no ínterim de sua própria viagem iniciática e interior, o seu regresso àtaca, a sua própria Ítaca, a seu espaço utópico, à casa que ela anseia construir: ao Brasil.



Figura 1. As crianças da tribo kayapó e Christiane Jatahy. Fonte: <https://www.journal-laterrasse.fr/>

Como Christiane Jatahy procede? Como ela se coloca em cena? De que modo ela trabalha com os atores? Como ela chega a confundir a relação entre os personagens reais e os fictícios? Como uma verdadeira atitude estética e dramática aparece? Como o cinema influencia o teatro e vice-versa? Como esta “linha tênue entre a realidade e a ficção” emerge (TRIAU, 2016, p.81), linha que surpreende e confunde os espectadores? São precisamente tais questões que pretendemos apresentar em nosso artigo.

Christiane Jatahy é uma autora, dramaturga, diretora de cinema e de teatro, responsável pela companhia Vértice de teatro. Suas influências artísticas se devem:

- a José Sanchis Sinisterra, que ela conheceu em workshops e de quem ela dirigiu a obra

- teatral *El lector* por horas (SALINO, 2016, *Le Monde*);
- ao dramaturgo catalão Sergi Belbel, do qual ela dirigiu *Carences*, espetáculo em que o público assume o papel da câmera (SALINO, 2016, *Le Monde*);
  - a Anne Bogart e seus viewpoints, criações cênicas de improvisações coletivas;
  - a John Cassavetes, diretor de cinema que vem do teatro;
  - ao diretor de teatro Michael Haneke;
  - a Angelica Liddell pela performance;
  - a Ingmar Bergman pela estrutura de suas obras e por sua maneira de moldar os personagens.

Quanto ao seu primeiro choque poético, este se dá aos 20 anos de idade e sucede a Pina Bausch. De acordo com Christiane Jatahy: “Sua dança-teatro era a própria vida!” (JATAHY in BOUCHEZ, 2019, *Télérama*).

Desde 2002, as obras polimorfos de Christiane Jatahy “se criam na fronteira entre todas as artes, desenhando vertiginosos abismos entre a realidade e a ficção.” (BORJA, 2017, p.28) Ademais, na fala que a jornalista Laure Adler direciona a Christiane Jatahy, podemos compreender que a noção de fronteira é o objetivo da artista. Adler diz a Christiane Jatahy: “a fronteira é um tema predominante em seu percurso artístico. Todas as fronteiras, (...) geográficas, (...) políticas, (...) morais. (...) Você quer abolir a quarta parede do teatro para que o cinema também interpenetre o palco do teatro e aconteça sobre o palco do teatro.” (ADLER, 2019, 7 min 05-7 min 29) Christiane Jatahy quer pensar a possibilidade de mesclar territórios, entre o cinema e o teatro e entre a realidade e a ficção. Todos estes termos são um para o outro a carregar a coroa, ou ainda, utopias recíprocas que estão em constante diálogo, em um diálogo que não reforça a polaridade entre elas. Christiane Jatahy articula estas noções por meio de um jogo de intermediação que reenvia um termo ao outro e que faz com que um se nutra pelo outro. Ela também pensa o conceito de “fronteira” a partir de uma perspectiva política, pois quanto mais obstáculos cartográficos existem, mais violência há no mundo.

Em novembro de 2019, ela exibe no Cent-Quatre em Paris, *O agora que demora* (*Le présent qui déborde*). Nossa Odisseia II. Esta artista que se sente ao mesmo tempo brasileira, latino-americana e europeia, não somente porque ela apresenta seus espetáculos à Europa, “mas sobretudo porque o Brasil é um país onde tudo se mistura”, vê o movimento e o fenômeno migratório refletir no exílio. (JATAHY in ADLER, 23 min 25–24 min 48) Segundo a jornalista Laure Adler, Christiane Jatahy, com este espetáculo, ao mesmo tempo antropóloga, cidadã do mundo e engajada na defesa dos migrantes. (ADLER, 2019, 40 min 33–41 min) A artista confirma tal constatação nos seguintes termos: “Esta é sem dúvida a peça mais política que já fiz”. (MEYER MACLEOD, 2019, p.29) Vejamos mais precisamente, na primeira parte de nossa reflexão, o que isso quer dizer.

## O AGORA QUE DEMORA. NOSSA ODISSEIA II

O agora que demora (Le présent qui déborde). Nossa Odisseia II foi criado nomês de maio de 2010 e primeiramente exibido durante cinco semanas no bairro Pinheiros da cidade de São Paulo, no Brasil. Mais precisamente, a jornalista Emmanuelle Bouchez afirma que o espetáculo começou a ser exibido em 26 de maio, de acordo com a jornalista Chantal Rayes, ele foi apresentado em São Paulo até 3 de junho de 2019. (BOUCHEZ, 2019, Télérâma ; RAYES, 2019, Libération) Dito de outro modo, O agora que demora foi apresentado pela primeira vez em uma “cidade onde tudo é mais do que grande: (...) 22 milhões de habitantes, a quarta maior população do mundo, uma floresta de arranha-céus que chegamos a perder de vista.”(DARGE, 2019, Le Monde) No Brasil, um país governado pelo populista Jair Bolsonaro, novo presidente, eleito em 28 de outubro de 2018, e ativo no poder desde o dia 1 de janeiro de 2019. Como descreve a jornalista Fabienne Darge, nos dias em que a peça de Christiane Jatahy era exibida, “nestes dias de maio, os apoiadores de Bolsonaro, numerosos, vão às ruas para exigir a dissolução do sistema parlamentar, enquanto o STF bloqueia as medidas do novo presidente, tornando o país ingovernável.” (Ibidem.) Christiane Jatahy afirma o seguinte sobre a eleição de Bolsonaro: “no dia de sua eleição (...), eu chorei como se tivesse perdido alguém próximo. Este homem é um perigo para o Brasil e para o mundo.” (JATAHY in RAYES, 2019, Libération) Para Christiane Jatahy, a eleição deste novo presidente reorientou o propósito do seu espetáculo: “Parece, então, claramente que a Amazônia é o epicentro (...) do desastre que nós estamos vivendo em nível mundial.” (JATAHY in DARGE, 2019, Le Monde)<sup>1</sup>.

Além disso, Nossa Odisseia II repercute direta e intimamente sobre a história pessoal de Christiane Jatahy, nascida no ano de 1968 no Rio de Janeiro. Por um lado, seu pai, estudante de economia e militante político, foi preso, em 1973, por ser considerado “comunista” e foi dado como desaparecido durante a ditadura militar. Ela pensou que ele estivesse morto até o dia em que ele reapareceu em sua vida, quando ela já tinha 30 anos. Por outro lado, seu avô “um dos fundadores do SESC, que possui centros de cultura espalhados em todo o Brasil, foi dado como morto, nos anos 50 e em circunstâncias obscuras, em um acidente de avião que sobrevoava a floresta amazônica.” (JATAHY in DARGE, 2019, Le Monde)<sup>1</sup> Esta também é uma das razões pelas quais ela escolheu filmar a tribo indígena kayapó. Ela os filmou justamente na área da floresta amazônica em que seu avô provavelmente sobreviveu. Esta epopeia de exílio interior e exterior se conclui com a leitura feita pelo pajé da tribo do início da Odisseia, traduzida em kayapó. Desse modo, Christiane Jatahy aborda “um assunto – a Amazônia – ainda pouco tratado no teatro contemporâneo brasileiro”, sublinha o conhecedor Celso Curi, fundador de um guia do espetáculo para a cidade do Rio e para a de São Paulo, ‘mas o mais impressionante é o talento que ela tem para articular histórias diversas a registros diferentes’.” (CURI apud BOUCHEZ, 2019, Télérâma) Já Sílvia

<sup>1</sup> A jornalista Emmanuelle Bouchez detalha que o avô de Christiane Jatahy era advogado na época Vargas e que ele fora tido como desaparecido em 1952 pela companhia aérea *Panam* em um voo que ia do Rio para Nova Iorque. (BOUCHEZ, 2019)

Fernandes, especialista em teatro contemporâneo da Universidade de São Paulo, considera Christiane Jatahy como sendo:

uma das criadoras mais inovadoras na cena brasileira: ela é corajosa(...). Enquanto Bolsonaro atea fogo no teatro da urgência política e militante que luta de forma direta contra o status quo, ela continua a cruzar pontos de vista contraditórios com uma exigência documental, elaborando uma pesquisa complexa entre expressão teatral e linguagem cinematográfica. Antes de tudo como artista, ela fala com serenidade dos problemas de hoje. (FERNANDES apud BOUCHEZ, 2019, Télérama).

A situação do Brasil é, sem dúvida, dramática, tão dramática quanto um teatro shakespeariano. Trata-se, pois, de um cenário atípico. (JATAHY in DARGE, 2019, LeMonde) E é justamente nele que Christiane Jatahy intervém com sua Odisseia II. Umatela em cena que vai entrar em ação com os atores posicionados ao lado dos espectadores na sala. O espaço que separa a tela da sala é de sete metros. Esta distância é a medida da fronteira real, do no man's land, da porosidade entre o teatro e o cinema e da representação da ideia da peça. (JATAHY in GOUMARRE, 2019, 1 min 29–1 min 56) Visível à direita da cena e à esquerda dos espectadores, Christiane Jatahy é a “diretora de teatro que vem explicar seu espetáculo antes que ele comece.” (WYNANTS, 2019, Le Soir) Os atores, quanto a eles, dirigidos por fonesde ouvido “só sobem ao palco para saudar [o público] face à torrente de aplausos de uma sala conquistada”, já que durante todo o espetáculo eles permanecem em meio ao público, entre os espectadores, confundindo-se com eles. (WYNANTS, 2019, Le Soir).

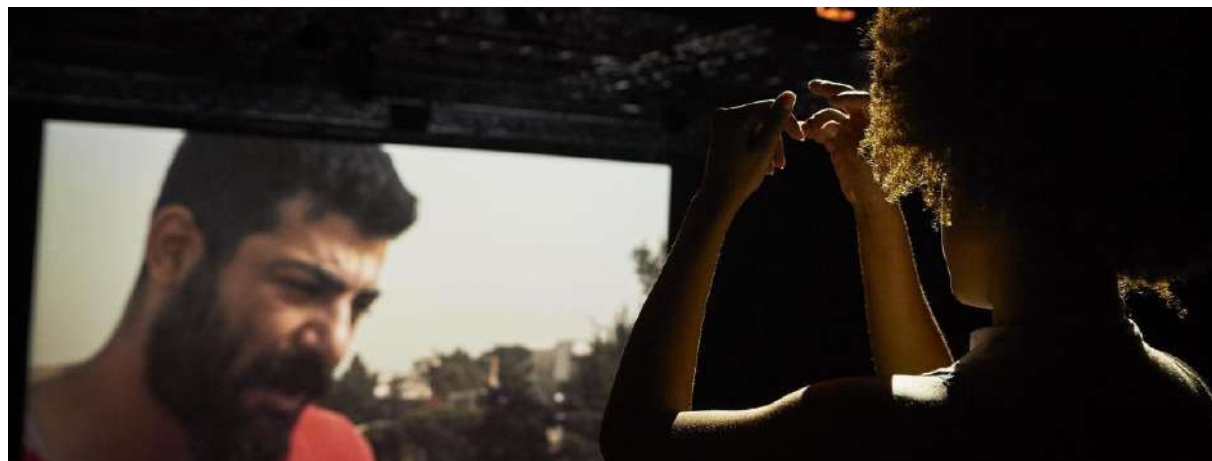


Figura 2. “O agora que demora (Le présent qui déborde). Nossa Odisseia II, de Christiane Jatahy.” Fonte: <https://www.francetvinfo.fr/>



Figura 3. “O agora que demora (Le présent qui déborde) – Nossa Odisseia II, de Christiane Jatahy: a tela vistado banco de montagem.” Christiane Jatahy, à direita do palco, dirigindo os atores. Fonte: <https://www.francetvinfo.fr/>

O agora que demora (Le présent qui déborde). Nossa Odisseia II tem uma verve documental e, ao mesmo tempo, ficcional. Ele depende dos encontros entre Christiane Jatahy e os refugiados, encontros dos quais despontam testemunhos que igualmente nutrem o arquivamento documental e o desenvolvimento de uma ficção inspirada na viagem de Ulisses, em sua partida e em seu regresso. Dito de outro modo, em Nossa Odisseia II, o trabalho documental é proposto para descrever todo o percurso de Ulisses na Odisseia e este trabalho se apoia em uma ficção, a saber, na própria epopeia homérica, representada por aqueles que Christiane Jatahy encontrou em suas viagens. O fato de o aspecto documental ser tão significativo na referida produção não tem nada de chocante, visto que Christiane Jatahy primeiramente se formou em jornalismo. No Brasil, sob o regime democrático dos anos 80, ela se dedicou ao estudo da filosofia, da literatura e do cinema. No entanto, a sua primeira formação foi como jornalista.

Ademais, é preciso esclarecer que “Le présent qui déborde” não é propriamente falando uma tradução de “O agora que demora”. “Agora”, por um lado, corresponde a “maintenant” e nos reenvia ao presente. Por outro lado, “agora” também designa o coro, o coletivo, a praça pública, o centro da cidade ateniense. “Que demora” pode ser traduzido para o francês “qui tarde à changer”. (JATAHY in BAUDET, 2019, La Libre) “Le Présent qui déborde” se apresenta como o resultado de “O agora que demora”. Os dois títulos se complementam, mas esta tradução foi voluntariamente escolhida por Christiane Jatahy para significar um tempo intermediário e um tempo provisório de espera, onde é impossível voltar ao passado e vislumbrar o futuro. Como diz Christiane Jatahy, o tempo “não para de continuar.” (JATAHY in GOMEZ, 2019, 24 min–25 min 44) A Odisseia é, sendo assim, uma obra em ciclo. Como os refugiados e a própria Christiane Jatahy, Ulisses não sabe de quemodo ele poderá retornar a sua casa e ignora onde ela fica, ignora sua memória, sua família, sua história e seu



futuro. Além disso, neste caso, o “agora” nos remete ao teatro que, por sua vez, assemelha-se à ágora, espaço em que as diferenças sociais podem ser vistas.

De agosto a dezembro de 2018 (BOUCHEZ, 2019, Télérâma), munidos de duas câmeras, Christiane Jatahy e Thomas Walgrave, seu cenógrafo, companheiro desde 2016, colaborador próximo, antigo diretor da associação cultural Alkantara em Lisboa e antigo membro do coletivo belga Tg Stan, foram ao encontro dos refugiados e viveram, assim, as suas próprias odisséias. No transcorrer da viagem, eles realizaram uma verdadeira cartografia e descobriram, para além da floresta amazônica no Brasil:

- o campo palestino de refugiados da cidade de Jenin e o Freedom Theater, fundado em 2006 por Juliano Mer Khamis, de origem israelense;
- a Cisjordânia;
- a capital da África do Sul, Joanesburgo, onde vivem populações oriundas do Malawi e do Zimbábue que fazem parte do Hilbrow Theatre;
- a Grécia, onde exilados iraquianos e sírios acabam permanecendo;
- bem como, o vale de Bekaa no Líbano, onde drusos e sírios se instalam e autogerem os campos.

Nesta ocasião, Christiane Jatahy e Thomas Walgrave tiveram a oportunidade de trabalhar com autores originários de Beirute que conduzem ações artísticas e políticas nos campos em que vivem. Ambos conheceram, assim, “duas das pessoas mais importantes do espetáculo, os quais fugiram da Síria: Omar, ator e dramaturgo, hoje sem teto, e Yara, atriz detentora de um visto no Líbano.” (JATAHY in DARGE, 2019, Le Monde) Para Yara, Christiane Jatahy:

é uma bela pessoa. Isto se vê em sua maneira de abordar a questão dos refugiados (...). Onde, mesmo com boas intenções, as pessoas que precisam se deslocar são geralmente mal vistas e consideradas ofensivas. Ela, pelo contrário, respeita-os. Ao vincular a questão dos refugiados a sua própria experiência e àquela de muitos outros, – mesmo na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial –, ela dá ensejo não apenas a um desafio político, mas também a um desafio humano. E universal. (YARA in PASCAUD, 2019, Télérâma).

A jornalista Fabienne Pascaud confirma:

Christiane Jatahy é uma bruxa. Ela atravessa linhas, ela explode fronteiras. Ela joga com as separações e divisões ordinárias entre as artes, os modos de expressão, o real e a ficção. Ela desafia o tempo – passado, presente, futuro – ela sabe conjugar os espectadores e os criadores, faz com que eles se casem, com que comunguem na duração, intensa e energizada, de uma representação sempre generosa, alegre e partilhada. Bruxa ou sacerdotisa? Qual é a diferença? A diretora de teatro, cineasta, dramaturga, atriz nascida no Rio de Janeiro em 1968 reinventa tanto o teatro quanto o cinema (...) ela revoluciona as formas narrativas e a relação com o público – testemunha, cúmplice, ator – com uma delicadeza infinita e uma constante atenção aos seres, as suas histórias, as suas interioridades e a seus mistérios. É preciso ver como ela capta em planos fechados rostos, os olhos, dando a sensação àquele que observa de entrar no mistério das almas. (PASCAUD, 2019, Télérâma).

Christiane Jatahy também considera que uma pessoa complementa a outra então que uma pessoa ameaça a outra. (JATAHY in ADLER, 2019, 26 min 15 –26 min 32) Segundo ela, escutar o outro pode produzir uma transformação e a fronteira não é sinônimo de separação, mas sim de unificação na medida em que nos permite construir pontos de compreensão.

Além disso, faz-se interessante relatar que, no decorrer de suas viagens, Christiane Jatahy se apresentou a todos os artistas refugiados com esta peça realizada a partir do texto homérico e deixou a eles um espaço de fala graças ao qual cada um pôde contar sua própria história. A peça também se situa entre a realidade e a ficção e questiona como a realidade se vê incluída na ficção e como a ficção funciona tal que uma lupa ou uma lente face à realidade. Deste ponto de vista, não se trata de recolher o testemunho dos artistas, mas de trabalhar com eles. Os artistas se tornam cocriadores do espetáculo. Todos fazem com que apareça a tênue fronteira entre a realidade e a ficção, entre o cinema e o teatro e entre o íntimo e o político. Ao mesmo tempo diretora de teatro e cineasta, Christiane Jatahy pratica uma arte híbrida, uma arte arriscada, que permanentemente se inventa junto a seus parceiros e as pessoas com as quais trabalha. Aqui, a Odisseia homérica se assemelha a um “viático que permite que estes refugiados, todos os que têm uma relação com o teatro, exprimam o sentimento de exílio que, para além do ‘présent qui déborde’ [do presente que transborda], parece engolir o passado e impossibilitar a projeção do futuro.” (DARGE, 2019, Le Monde) As palavras de Ulisses são como lanças para estas pessoas que foram encontradas. O mito serve para esclarecer o presente e o presente se vê relido graças à mitologia. Com efeito, o texto homérico dá voz aos exilados e permite que eles compartilhem o que viveram. Christiane Jatahy os filma, ficando o mais próxima possível de seus rostos, de suas emoções, de seus terremotos íntimos e “daquilo que suscita neles os episódios da epopeia.” (DARGE, 2019, Le Monde).

O cinema é colocado no presente, pois a artista monta as suas imagens ao vivo e os espectadores têm, portanto, a impressão de assistir a um espetáculo e a seus bastidores. De representação em representação, as imagens diferem em função da atualidade, da atmosfera e da composição da sala: “Vemos na peça o olhar das crianças rindo, escutamos a confiança dos exilados que iniciam um longo diálogo com os atores sentados entre os espectadores.” (BOUCHEZ, 2019, Télérama) Os atores parecem ser interventores e não propriamente atores, pois eles nunca estão onde o público espera que estejam, isto é, no palco do teatro. Para Christiane Jatahy, o teatro tem um sentido mais amplo e não se reduz ao palco. Quanto ao cinema, ele sempre é pensado em termos dramáticos. Como o cinema pode ser colocado no presente cênico? Como definir a relação entre o público na sala e os atores misturados aos espectadores? Como construir uma relação espectral com o filme e com aquilo que os atores acidentalmente modificam no filme? O cinema é um registro do passado que incide sobre o tempo presente. Já o teatro é, por excelência, a arte do presente:

O espetáculo começa com uma projeção de cinema. Mas pouco a pouco o teatro surge, na sala, na cena; os atores interagem com as imagens projetadas. Como se o teatro viesse completar o filme, ao passo que o filme, por sua vez, deixa o teatro

entrar e responde a isto que acontece na sala. O teatro assume, assim, a função do coro na tragédia grega, que comenta e faz com que a ação avance. (JATAHY in MEYER MACLEOD, 2019, p.28).

O filme entra no teatro e vice-versa. Não existe hierarquia alguma. Com efeito, segundo o jornalista Jean-Marie Wynants, “Christiane Jatahy cria uma surpreendente relação entre a tela e a sala. Pouco a pouco, alguns personagens apresentados sobre a tela aparecem nas arquibancadas. Bem mais do que um simples efeito teatral, uma maneira de recusar a barreira entre atores e espectadores.” (WYNANTS, 2019, Le Soir) Segundo a própria Christiane Jatahy, “o teatro passa a existir no momento em que atores e espectadores, juntos, vivem o presente.” (JATAHY in BOUCHEZ, 2019, Télérama) Perante um dispositivo desta envergadura, os atores se situam e se posicionam em um lugar original, singular e pouco comum. É isto que iremos aprofundar na sequência.

### **O PAPEL DO ATOR: A PERSONA COMO MÁSCARA TRANSPARENTE**

Christophe Triau interroga nos seguintes termos a prática teatral de Christiane Jatahy: “Como chegar a uma encenação que caia no espaço cênico à medida que sedá uma forma, tal que o espectador não pode realmente saber se isto que ele vê é uma interpretação previamente ensaiada ou se se trata de uma experiência do momento presente?” (TRIAU, 2016, p.63). A direção de atores de Christiane Jatahy se pretende pragmática. A diretora realizou, inclusive, cursos de interpretação na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, assim, deu ensejo a sua carreira de atriz. Como nos explica Triau, segundo Christiane Jatahy, a encenação é:

- uma performance que clama pela história pessoal dos atores;
- um ato teatral, dito de outro modo, um “jogo performático”, pois os atores buscam “um trabalho de interpretação teatral” que possa a cada dia se repetir e que pareça inédito, mesmo não o sendo;
- uma experiência atada ao risco e ao acaso dos eventos inesperados e às pequenas coisas tais que falas improvisadas incluídas em uma “dramaturgia do aqui e do agora” e em uma conversação que cria relações;
- uma queda. (TRIAU, 2016, p.58)

Para Christiane Jatahy, quando um ator encena no teatro, ele deve ser capaz de encenar com o público e com a câmera. O olhar do público estabelece o equilíbrio entre a realidade e a ficção. É preciso que a encenação esteja viva, pois Christiane Jatahy trabalha com a proximidade da vida, tanto da vida que constantemente atravessa o teatro quanto do teatro que constantemente atravessa a vida. (JATAHY in ADLER, 2019, 7 min 45–9 min 28) Através da máscara do personagem, devemos ser capazes de ver a pessoa e o ator. Ademais, a encenação dos atores se integra ao público e simultaneamente leva em consideração a câmera e a situação fílmica.



Figura 4. "O agora que demora (Le présent qui déborde) - Notre Odyssée II, de Christiane Jatahy: os artistas do elenco sentados nas cadeiras junto ao público." Fonte: <https://www.francetvinfo.fr/>



Figura 5. O agora que demora (Le présent qui déborde) - Notre Odyssée II, de Christiane Jatahy: a atriz YaraKtaish em meio ao público. Fonte: <https://www.festival-avignon.com/>

Nesse sentido, existem três aspectos que fundamentam a abordagem artística de Christiane Jatahy, a saber:

- 1. A relação direta com a criação dramaturgical, em outros termos, uma construção artística do e sobre o cotidiano, em que os indivíduos podem livremente revelar suas subjetividades.
- 2. O encontro com a profundidade: os grandes eventos são imprevisíveis e inesperados, tendo sido construídos para produzir uma revelação.
- 3. A criação de um dispositivo que estabeleça uma rede entre os diferentes elementos do espetáculo e que possa dirigir a interpretação dos atores.

### **UMA RELAÇÃO SINGULAR COM O ESPECTADOR**

No teatro, uma vez que a quarta parede é quebrada, a questão não é mais de saber se existe uma relação ou não, mas como o público presente é parte integrante da obra. Os espectadores constroem o trabalho com Christiane Jatahy no instante presente, ou seja, eles colaboram, individual e coletivamente, com a dramaturga. O público deve ser ativo e participar da *mise en scène*. Sem procurar, contudo, convencer os espectadores, Christiane Jatahy considera que o fato de incluir o público na dramaturgia constitui em si um ato político. (JATAHY in BAUDET, 2019, *La Libre*) Com efeito, a seus olhos, quem diz teatro, diz político.

Ademais, a relação com o espectador é um dado fundamental, um ponto focal e um ponto de convergência de sua abordagem artística. Neste aspecto, seu trabalho se aproxima daquele de Augusto Boal cujo teatro do oprimido funciona segundo dois grandes princípios. O primeiro visa “transformar o espectador” a fim de que ele se torne um ser plenamente ativo na representação e de que ele venha a ser um “sujeito criador”, um cocriador, um “editor”, um “construtor de seu próprio espetáculo”, um colaborador. (TRIAU, 2016, p.61) O segundo consiste em se voltar em direção ao futuro e não em direção ao passado. (BOAL, 1996, quarta capa) Em julho de 1974, este dramaturgo brasileiro redige um prefácio preambular a sua poética do oprimido no qual ele postula de imediato que o teatro “é necessariamente político.” (BOAL, 1996, p.7) Para ele, o teatro é uma arma eficaz de liberação que as ditaduras tentam, de todas as formas, erradicar. Segundo Augusto Boal, o “teatro” se assemelha a um povo livre que canta. É, então, uma festa, um carnaval e um “canto ditirâmico.” (BOAL, 1996, p.7) Fazer teatro no Brasil não é coisa fácil, no entanto, a crise pode estimular a criação. Na América latina, as barreiras criadas pelas classes dominantes devem ser destruídas. Para que isto aconteça, faz-se preciso evitar a distância entre, por um lado, a cena e a sala e, por outro lado, os protagonistas e o coro. Os personagens não pertencem aos atores. Ao contrário, eles representam todos nós, atores e espectadores. Trata-se de dar palavra àqueles que não a têm e de criar “isto que pode ser comum àqueles que afirmam pertencer a um todo, a um grupo.” (NANCY, 2014, p.103-104)

## CONCLUSÃO

Inegavelmente haverá, para Christiane Jatahy e sua equipe, mas também para o seu público, um antes e um depois poético e político no que concerne à experiência de O agora que demora (Le présent qui déborde). Nossa Odisseia II, poética criação está conectada tanto à vida na mais larga acepção do termo, quanto à própria vida de Christiane Jatahy. É, inclusive, por este motivo que ela escolheu se colocar em cena – “esta peça me transformou profundamente.” (JATAHY in MEYER MACLEOD, 2019, p.29) No Brasil, o governo atualmente vigente quer calar os artistas e abolir a cultura. Segundo Christiane Jatahy, o teatro é uma arma de resistência contra a opressão. Por isto o seu trabalho se pretende político, sem jamais ser vindicativo. Esta precisão é fundamental para que o teatro não seja assimilado a um ato terrorista. O teatro é belo e ressonante, de modo que ele não se assemelha ao terrorismo: eis a sutil nuance que os diferencia. E é justamente esta nuance que está no coração da prática artística de Christiane Jatahy.

## FICHA TÉCNICA

A ficha técnica de O agora que demora (Le présent qui déborde). Nossa Odisseia II, pode ser encontrada no site do Théâtre National Wallonie-Bruxelles, onde o espetáculo foi exibido entre os dias 1 e 12 de outubro de 2019. A ficha técnica é tão cosmopolita quanto a própria Christiane Jatahy e reflete a constituição de uma comunidade para além de qualquer fronteira, seja ela cartográfica ou linguística. Não reproduziremos a ficha técnica completa, mas mencionamos aqui os nomes dos atores, que também são testemunhas e interventores na obra de Christiane Jatahy, a fim de nos remetermos à força e à beleza da diversidade que, deslocada e se deslocando, caracteriza o trabalho desta artista brasileira.

Autora: Christiane Jatahy

Baseado em: A Odisseia, de Homero.

Com: Abbas Abdulalah Al'Shukra; Abdul Lanjesi; Abed Aidy; Adnan Ibrahim Nghnghia; Ahmed Tobasi; Bepkapoy; Blessing Opoko; Corina Sabbas; Emilie Franco; Faisal AbuAlhayjaa; Fepa Teixeira; Frank Sithole; Iketi Kayapó; Irengri Kayapó; Ivan Tirtiaux; Jihad Obeid; Joseph Gaylard; Jovial Mbenga; Kroti; Laerte Késsimos; Leon David Salazar; Linda Michael Mkhwanasi; Manuela Afonso; Maria Laura Nogueira; Maroïne Amimi; Mbali Ncube; Melina Martin; Mustafa Sheta; Nambulelo Meolongwara; Noji Gaylard; Ojo Kayapó; Omar Al Jbaai; Phana; Pitchou Lambo; Pravinah Nehwati; Pykatire; Ramyar Hussaini; Ranin Odeh; Renata Hardy; Vitor Araújo; Yara Ktaish; Marie-Aurore d'Awans; Banafshe Hourmazdi.

Concepção, roteiro e direção do filme: Christiane Jatahy. Colaboração artística, cenografia e iluminação: Thomas Walgrave<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> A versão completa da ficha técnica pode ser verificada em: <https://www.theatrenational.be/fr/activities/851-le-present-qui-deborde#presentation>.

## REFERÊNCIAS

ADLER, L. **Homérique, Christiane Jatahy**. France Inter: l'heure bleue. Paris, 13 de novembro de 2019. 54 min.

BAUDET, M. « Christiane Jatahy, sensible aux odyssees d'aujourd'hui ». **La Libre**, Bruxelas, 2 de julho de 2019.

BOAL, A. **Théâtre de l'opprimé**. Paris: Éditions La Découverte, 1996.

BORJA, M. « **Entretien avec Christiane Jatahy. Renoir. De nouveaux territoires de création** ». Montréal. 24 images – Revue de cinéma, 2017, n°182, pp. 28-32.

BOUCHEZ, E. « A Avignon, Christiane Jatahy fait d'Ulysse un migrant ». **Télérama**, Paris, 28 de junho de 2019.

CAUDRON, F. « **Ithaque (notre Odyssee 1) de Christiane Jatahy** ». RTBF: Musiq3.Bruxelas, 6 de novembro de 2018.

DARGE, F. « Au Festival d'Avignon, Christiane Jatahy présente son odyssee intérieure ». **Le Monde**, Paris, 5 de julho de 2019.

GOMEZ, F. « **Dire Homère** ». Académie de Paris: Espace multimédia. Paris, 4 de outubro de 2019. 125 min 21.

GOUMARRE, L. « **Christiane Jatahy pour « Le présent qui déborde – Notre Odyssee II** ». Théâtre contemporain.net. Avignon, 5 de julho de 2019. 12 min 32.

MEYER MACLEOD, A. « **Le présent qui déborde. Entretien avec Christiane Jatahy, propos recueillis par Arielle Meyer MacLeod** ». Dossier pédagogique. 2019.

NANCY, J-L. **La communauté désœuvrée**. Paris: Galilée, 2014.

PASCAUD, F. « Avignon 2019 : Christiane Jatahy nous embarque dans une "Odyssee" qui donne envie de changer le monde ! ». **Télérama**, Paris, 7 de julho de 2019.

RAYES, C. « Christiane Jatahy. Homère patrie ». **Libération**, Paris, 2 de julho de 2019.

SALINO, B. « Christiane Jatahy, le théâtre et son trouble ». **Le Monde**, Paris, 7 de outubro de 2016.

TRIAU, C. **L'espace du commun. Le théâtre de Christiane Jatahy**. Paris: Publie.net, 2016.

WYNANTS, J-M. « À Avignon, le présent est omniprésent ». **Le Soir**, Bruxelas, 8 de julho de 2019.



@revistaecai

revistaeducacao  
arteinclusao@gmail.com

(48) 3321-8314

revista   
**eai** educação,  
artes &  
inclusão